

A motivação social da haplogia variável no português de Porto Alegre

The social motivation of variable haplogia in Porto Alegre Portuguese

Elisa Battisti*

Livia Oushiro**

RESUMO

O artigo trata da motivação social da haplogia sintática variável (*dentro de casa::den' de casa, voltando de carro::voltan' de carro*) no português brasileiro falado em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. A análise quantitativa de dados de fala (cf. LABOV, 1972, 1994, 2001, 2010), de caráter exploratório, verifica que o processo, aplicado a sílabas iniciadas por /t/ ou /d/ em posição final e inicial de palavras em sequência na frase, (a) ocorre numa proporção total de 27,2% na fala de jovens; (b) correlaciona-se às variáveis sociais Mobilidade entre zonas e Renda e à variável linguística Estrutura da segunda sílaba. Os resultados sugerem que os efeitos de mobilidade na haplogia variável no português de Porto Alegre devam-se à *persona* jovem urbana cosmopolita que o processo, como recurso de identificação e distinção (cf. ECKERT 2000, 2018), auxilia a compor.

Palavras-chave: Variação linguística. Haplogia sintática. Classe social. Mobilidade. Português brasileiro.

Recebido em 30 de maio de 2020.

Aceito em 9 de setembro de 2020.

DOI: <http://doi.org/10.18364/rc.2022n62.444>

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, elisa.battisti@ufrgs.br Orcid iD <https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>

** Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, oushiro@unicamp.br, Orcid iD <https://orcid.org/0000-0002-2165-3305>

ABSTRACT

The paper discusses the social motivation of the variable syntactic haplogogy (dentro de casa:: den'de casa 'indoors', voltando de carro::vontan'de carro 'coming back by car') in the Porto Alegre variety of Brazilian Portuguese. An exploratory quantitative analysis of speech data according to Labov (1972, 1994, 2001, 2010) shows that the process, which targets syllables with /t/ or /d/ in onset position at the end and the beginning of words in sequence in phrasal domains, (a) exhibits a total proportion of rule application of 27.2% in the speech of young people; (b) correlates with social variables Mobility and Income and the linguistic variable Structure of the second syllable. The results suggest that the effects of mobility on the variable haplogogy in Porto Alegre Portuguese are due to the young, cosmopolitan, urban *persona* that the process, as a resource of identification and distinction (according to ECKERT 2000, 2018), helps to construct.

Keywords: Linguistic variation. Syntactic haplogogy. Social class. Mobility. Brazilian Portuguese.

Introdução

A haplogogia sintática, um dos tipos de haplogogia verificados no português brasileiro, é definida por Silveira (1971, p.79) como o desaparecimento, na pronúncia, de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes contíguas na frase, como em *vontade de comer::vonta'de comer, dentro de casa::den'de casa*. Os estudos de haplogogia sintática como regra variável (BATTISTI, 2005; MENDES, 2009; SIMIONI; AMARAL, 2011; LEAL, 2012; OLIVEIRA, 2012; PAZ, 2013; HAINECK, 2016) revelam diferentes proporções totais de aplicação do processo nas variedades de português brasileiro (PB), que vão de 15% (PAZ, 2013) a 40% (SIMIONI; AMARAL, 2011), com indícios de que a haplogogia sintática (doravante apenas haplogogia) seja variação estável no PB e contribua para a estereotipia de falares regionais (OLIVEIRA, 2012). Os resultados dos estudos são relativamente¹ convergentes no que

1 Há diferenças no desenho das análises. O número de dados examinadas é distinto, como também as variáveis controladas e o recorte do objeto – apenas sílabas CV (consoante-vogal) ou sílabas de todos os moldes silábicos; apenas sílabas iniciadas por /t, d/ ou sílabas iniciadas por quaisquer consoantes.

se refere aos condicionamentos linguísticos da haploglia: sequências de sílabas átonas, com consoantes e vogais similares ou idênticas, favorecem o processo. Já os resultados dos condicionamentos sociais da haploglia são difusos: ora não comprovam a correlação de variáveis sociais com o processo (BATTISTI, 2005; LEAL, 2012), ora verificam correlação (MENDES, 2009; OLIVEIRA, 2012; HAINECK, 2016), mas com variáveis sociais distintas.

O objetivo deste artigo é investigar a motivação social da haploglia variável na comunidade de fala de Porto Alegre. Uma das questões a responder é análoga às diferenças regionais nas proporções totais de aplicação da haploglia atestadas na literatura. Em tese, tal diferenciação regional (dialetação), verificada em grandes áreas territoriais (TRASK, 1996), também poderia ser encontrada em centros urbanos. Em relação à haploglia, a pergunta norteadora é: há diferenciação por zona (espaço geográfico) no PB de Porto Alegre?

Outra questão perseguida no artigo refere-se à estabilidade da haploglia registrada na literatura e a possibilidade de o processo, enquanto tal, associar-se à classe social. Labov (1990) afirma que variáveis sociolinguísticas estáveis se alinham com hierarquias de classe de modo monotônico: “para um marcador de prestígio, quanto maior o *status* socioeconômico do falante, maior a frequência de uso. Para marcadores estigmatizados, o inverso é verdadeiro.” (LABOV, 1990, p. 220, tradução nossa). No PB de Porto Alegre, há indicativos (cf. BATTISTI, 2005) de que a haploglia seja estável, mas ocorra abaixo do nível de consciência social, isto é, seja um indicador, não um marcador, nos termos de Labov (1972).² Pergunta-se: há

2 Labov (1972) denomina (a) *indicadores* as variáveis abaixo do nível de consciência social, não correlacionadas à variação estilística, definidas (pelo pesquisador) por se verificarem na fala de um certo grupo; (b) *marcadores* as variáveis correlacionadas à variação estilística, empregadas pelos falantes sem que necessariamente tenham consciência das normas de uso; e (c) *estereótipos* as variáveis acima do nível de consciência social, assunto de comentários sociais explícitos.

diferenciação na aplicação da haploglia por classe social no PB de Porto Alegre?

A análise realizada segue a sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 1972, 1991, 2001, 2010) em seus preceitos e procedimentos metodológicos. Assume o pressuposto de que a heterogeneidade verificada no contexto social da comunidade de fala é ordenada face a aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, com análise estatística ou quantitativa, busca correlações da variável (haploglia) com categorias estruturais e sociais.

Assumindo o pressuposto de que grandes áreas urbanas como Porto Alegre são cenários naturais para a emergência de distinção social (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]) e diferenciação linguística (GAL, 2016), a análise testa a hipótese de que não sejam propriamente as zonas, mas a mobilidade entre elas, correlacionada à renda, o que torna a diferenciação linguística saliente e explica os maiores ou menores índices de realização de variáveis por certos grupos de usuários (BLOMMAERT, 2016). A língua “desempenha um papel na constituição de categorias sociais que ou facilitam, ou impedem [...] o engajamento [dos sujeitos] na mobilidade ou no enraizamento.” (HELLER et al., 2016, p.35, tradução nossa). Os falantes, como agentes estilísticos, são ora afetados pelas macrocategorias sociais a que pertencem, ora tomam as variáveis como recursos de identificação e distinção na pluralidade de práticas sociais cotidianas (ECKERT, 2018). As práticas, realizadas em diferentes locais das grandes cidades, implicam a mobilidade dos sujeitos, e seu trânsito em ambientes culturais diversos tem efeito na difusão de variantes.

A análise estatística associada a um Índice de Mobilidade³ mostrará não só que zona interage com renda, mas também que, no PB

3 O Índice de Mobilidade inspira-se no índice socioeconômico do projeto *Linguistic Change and Variation in Philadelphia* (Variação e mudança linguística na Filadélfia, 1973-1977), de Labov e equipe (LABOV, 2001).

de Porto Alegre, há correlação entre haploglia sintática e mobilidade entre zonas, o que se explica pela intensificação estilística do uso de variáveis estáveis em cenários semilocais (ECKERT, 2000).

1. Haploglia sintática

Camara Jr. (1984, p.134) define haploglia como supressão: um “processo morfofonêmico, ocorrente entre duas sílabas iguais contíguas, na composição ou derivação”, o que *tragicomédia*, de {trágico+comédia}, exemplifica. Silveira (1971) registra a mesma supressão em sequências, mas de palavras na frase, denominada, por essa razão, haploglia sintática: “a sílaba final de um vocábulo...se encontra com um monossílabo ou sílaba seguinte, foneticamente igual ou semelhante ao monossílabo (ou sílaba) anterior, e um desses elementos (sílaba ou monossílabo) desaparece na pronúncia.” (SILVEIRA, 1971, p.79).

Dois estudos fonológicos sobre haploglia sintática no português são cruciais para o recorte da variável investigada no presente artigo: o de Alkmim e Gomes (1982), para quem a regra de haploglia afeta no português apenas sequências de sílabas com /t/ e /d/ subjacentes, e o de Tenani (2002), que, na comparação com o português europeu, verifica a ausência de um domínio prosódico de aplicação da haploglia no português brasileiro, embora a autora reconheça a tendência de o processo ocorrer dentro da frase fonológica. Além disso, Tenani (2002) constata que, em termos de localização do acento primário, a haploglia envolve a sequência de duas sílabas átonas (*jeito de ser::jei'de ser*), ou de primeira átona e segunda, tônica (*muito tempo::mui'tempo*).

Assim, embora a haploglia possa, eventualmente, envolver sequências de sílabas com outras consoantes iniciais (*desde que::des'que*), a variável aqui analisada contemplará apenas sequências de sílabas iniciadas por /t/ e /d/ subjacentes. No Quadro 1, estão algumas ocorrências de haploglia na amostra examinada neste artigo.

Com base em Battisti (2004), concebe-se haploglia como apagamento da primeira das duas sílabas em sequência, isto é, da sílaba átona (postônica final) à esquerda. Naquele trabalho, discute-se formalizar haploglia no português brasileiro como apagamento ou coalescência (fusão), em razão de o processo se verificar em sequências de sílabas similares (como em *dentro de casa::den'de casa*), em que parece ocorrer apagamento, e em sequências de sílabas idênticas (*vontade de comer::vonta'de comer*), em que parece ocorrer fusão. Conclui-se pelo primeiro processo, apagamento, como resultado da haploglia em PB, pois assim são satisfeitas restrições linguísticas – OCP, MAX e UNIFORMITY⁴ – em interação na gramática, ao mesmo tempo em que se explica a perda de material segmental tanto em sequências de sílabas idênticas, quanto em sequências de sílabas similares.

4 Goldsmith (1990) define o OCP (*Obligatory Contour Principle*, Princípio do Contorno Obrigatório) como uma família de princípios fonológicos, muito proximamente relacionados, que proíbe segmentos idênticos. Referindo Yip (1988), afirma haver nas línguas do mundo várias estratégias que desfazem violações a OCP – epêntese, metátese, apagamento, por exemplo. Numa concepção como essa, segundo Mohanan (1993), OCP é entendido como um princípio da Gramática Universal (GU), enquanto seus efeitos específicos de língua são estipulados nas gramáticas individuais. Já MAX e UNIFORMITY são restrições de fidelidade conformes à Teoria da Otimidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; McCARTHY; PRINCE, 1993, 1995): MAX requer que a todo segmento de *input* corresponda um segmento de *output* (proibido apagamento); e UNIFORMITY proíbe que um segmento de *output* corresponda a mais de um segmento de *input* (proibido coalescência).

Quadro 1. Algumas ocorrências de haploglia na amostra, por tonicidade das sílabas em sequência

<i>Duas sílabas átonas</i>	<i>Primeira sílaba átona, segunda tônica</i>
voltan(do) de carro	bastan(te) tempo
aveni(da) do mercado	trancan(do) tudo
qualida(de) de vida	quan(do) tu
Rio Gran(de) do Sul	den(tro) d'água
ganhan(do) dinheiro	gos(ta) duma
depen(de) da hora	mun(do) tinha
vi(da) da gente	gen(te) diz
fren(te) de casa	mari(do) trabalha
noi(te) da festa	gen(te) teve
gen(te) também tem	quan(do) tem
pos(to) de gasolina	provavelmen(te) tinha
tor(ta) de maçã	cria(da) duma
opos(to) do ônibus	tan(to) tempo
gen(te) tiver	cen(tro) tem

1.1 Haploglia em Porto Alegre

Autor (ano) investigou a haploglia no português de Porto Alegre como regra variável, com análise quantitativa laboviana (LABOV, 1972). Usou dados do VARSUL⁵ (BISOL; MENON; TASCA, 2008; BISOL; MONARETTO, 2016), de entrevistas sociolinguísticas de doze informantes de nível superior de escolaridade. Tomou como variável dependente a haploglia sintática envolvendo sequências de sílabas

5 VARSUL, ou Variação Linguística na Região Sul do Brasil (UFRGS, PUCRS, UFSC, UTFPR), é um acervo de entrevistas sociolinguísticas com informantes dos dois gêneros (masculino, feminino) de diferentes níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II, médio) e idade (25-50 anos, mais de 50 anos), residentes nas capitais e algumas cidades do interior dos três estados do sul do Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Suas entrevistas da amostra-base foram realizadas nos anos 1990. Mais informações disponíveis em: <http://www.varsul.org.br/>. Acesso em 13/11/19.

iniciadas por /t/ e /d/. Controlou variáveis linguísticas e extralinguísticas. As variáveis linguísticas foram Tonicidade das sílabas (fatores ‘duas átonas’, ‘só a primeira átona’), Qualidade das vogais (fatores ‘mesma vogal-núcleo’, ‘diferente vogal-núcleo’), Vozeamento das consoantes de ataque (fatores ‘ambas desvozeadas’, ‘ambas vozeadas’, ‘consoantes de diferente vozeamento’), Posição em relação à frase fonológica (‘dentro da frase’, ‘entre frases’); e as variáveis extralinguísticas Sexo (fatores ‘feminino’, ‘masculino’), Idade (fatores ‘25 a 49 anos’, ‘50 a 69 anos’, ‘70 ou mais anos’). A análise, realizada com o pacote de programas Varbrul 2S⁶, revelou uma proporção total de 21% (284/1341) de haploglia, correlacionada apenas às variáveis linguísticas Qualidade das vogais e Posição em relação à frase fonológica: a haploglia é favorecida em sílabas com a mesma vogal, dentro da frase fonológica.

Em um estudo similar, Susin (2018) deu os primeiros passos na investigação da haploglia variável em Porto Alegre, mas em dados de entrevistas sociolinguísticas oriundas do acervo LínguaPOA⁷ (BATTISTI et al., 2017), de 8 informantes de 20-39 anos e de nível superior de escolaridade. Ou seja, realizou análise na mesma comunidade de fala, mas com dados coletados cerca de 20 anos depois,

6 “O Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (GUY; ZILLES, 2007, p.105).

7 LínguaPOA (UFRGS) é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes de Porto Alegre, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, parecer n° 991,732 de 19/03/2015. Contém entrevistas realizadas entre 2015 e 2019, conforme os seguintes critérios: 4 zonas (centro, norte, sul, leste), 2 bairros por zona (por renda média mensal domiciliar em salários mínimos), 3 grupos etários (20-39 anos, 40-59 anos, 60 ou mais anos), 3 níveis de escolaridade (fundamental, médio, superior), 2 gêneros (masculino e feminino). As 103 entrevistas atendem a todos os critérios de estratificação nos níveis médio e superior de escolaridade; 31 entrevistas referentes ao nível fundamental ainda estão por realizar. Mais informações disponíveis em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/> Acesso em 13/11/19.

e em apenas um grupo etário. Susin (2018) controlou as variáveis linguísticas Igualdade dos segmentos (fatores ‘Cs iguais e Vs iguais’, ‘Cs iguais e Vs diferentes’, ‘Cs diferentes e Vs diferentes’, ‘Cs diferentes e Vs iguais’), Estrutura de primeira sílaba (fatores ‘aberta’, ‘fechada’), Estrutura da segunda sílaba (fatores ‘aberta’, ‘fechada’), Tonicidade das sílabas (fatores ‘átona + átona’, ‘átona + tônica’), Proparoxítona (fatores ‘sílaba átona final de proparoxítono’, ‘sílaba átona final de não paroxítono’); e as variáveis extralinguísticas Gênero (fatores ‘feminino’, ‘masculino’) e Zona (fatores ‘norte’, ‘sul’, ‘leste’, ‘central’). Realizou análise quantitativa com o programa RBrul⁸. Os resultados, prévios, foram 25% (230/923) de proporção total de haploglia e correlação do processo com Estrutura da primeira e da segunda sílaba (sílabas abertas favorecem o processo) e com Zona (zonas sul e central mostram-se favorecedoras).

Considerando-se as proporções totais de haploglia verificadas por Battisti (2005) e Susin (2018), os resultados são próximos. Naquele estudo, não se constatou efeito das variáveis sociais (Idade e Sexo), o que sugeriu que a haploglia fosse estável e motivada apenas por fatores internos. Já os resultados preliminares alcançados por Susin (2018), além da confirmação da motivação estrutural, sugerem que a haploglia se correlacione a variáveis sociais como zona. Se esse for de fato o caso, como se explicam os efeitos de fatores extralinguísticos sobre um processo variável? O estudo empreendido aqui busca respostas para essa pergunta, com análise quantitativa da haploglia.

8 RBrul é uma versão do programa de análise de dados linguísticos Varbrul desenvolvida em R (R Core Team, 2019). Informação disponível em: http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html. Acesso em: 14/11/19.

2. Variação linguística e dinâmicas sociais em Porto Alegre

Estudos de variação no português de Porto Alegre realizados mais recentemente mostram que os processos são tanto afetados pelas dinâmicas do espaço urbano, quanto percebidos com base nelas. Oliveira (2015) investigou a percepção e avaliação da ditongação variável de vogais tônicas pela centralização e abaixamento da porção final da vogal (*alô::alôah, aqui::aquiah, né::néah, só::sóah*), chamada *ingliding* (Battisti, 2013). Verificou que o falar com *ingliding* é percebido como típico porto-alegrense. Os participantes do estudo que moram ou frequentam o centro reconheceram nessa zona da cidade, principalmente no bairro Bom Fim, um falar cantado, arrastado e descansado, rotulado como ‘sotaque porto-alegrense’, falar esse que associaram ao *ingliding*. Regiões mais periféricas, de baixos índices econômicos, situadas na zona sul de Porto Alegre, foram associadas a um ‘falar menos cantado’ ou a um ‘falar do interior’, em oposição ao falar da zona central. A proporção total de *ingliding* não é alta em Porto Alegre: apenas 7,0 (OLIVEIRA, 2015). Mesmo assim, a variável é mobilizada por alguns porto-alegrenses para construir/perceber localismos no português de Porto Alegre. Em termos de produção, Oliveira (2015) verificou, em dados do LínguaPOA, que o *ingliding* se correlaciona a variáveis linguísticas como Qualidade da vogal nuclear, Número de sílabas e Tonicidade da palavra; e às variáveis sociais Estrato socioeconômico, Escolaridade, Faixa etária, Gênero e Zona: os estratos superiores na escala social favorecem o *ingliding*, bem como Ensino superior, sujeitos de 40 a 59 anos, falantes do gênero masculino e moradores da zona central da cidade.

Rockenbach (2018) e Cunha (2018) realizaram estudos-piloto de percepção e avaliação linguística sobre, respectivamente, o apagamento variável de /r/ em coda silábica (*qualquer um::qualqueØ um, fazer de conta::fazeØ de conta*) e o alçamento variável das vogais médias pretônicas /e, o/ sem motivação aparente, isto é, não desencadeado por vogal alta na sílaba seguinte (*senhora::s[i]nhora, moleque::m[u]leque*). Os resultados de Rockenbach (2018) sugerem que o apagamento de /r/ em coda associe-se a uma *persona* informal, de periferia,

menos jovem e menos bonita. Já em Cunha (2018), as formas com alçamento das vogais médias são consideradas mais informais, mais bonitas, mais jovens e mais de periferia do que sem alçamento.

De um lado, os estudos de Oliveira (2018), Rockenbach (2018) e Cunha (2018) fornecem indícios de que Porto Alegre possua subfalares. De outro, sugerem que a concepção da cidade em zonas não é mero recorte administrativo. Experimentada pelos sujeitos em suas práticas diárias, a divisão em zonas fornece elementos com que os sujeitos constroem e percebem diferenças significativas, para o que certas variáveis linguísticas contribuem. Nos três estudos, os processos ocorrem abaixo do nível da consciência social (LABOV, 1972, 1994), isto é, produzem variantes que passam praticamente despercebidas pelos usuários e não são, assim, abertamente avaliadas pelos falantes. O fato de os processos terem esse caráter autoriza a alimentar expectativas sobre a relação entre variação, zona e classe social. Segundo Labov (2001), os falantes inovadores, aqueles que promovem variação e mudança linguística abaixo do nível da consciência (do inglês *change from below*), pertencem a grupos situados em posições intermediárias na escala social: classe trabalhadora superior e classe média baixa (do inglês *upper working class* e *lower middle class*, respectivamente). Vale dizer, é possível que uma correlação da haploglia variável com classe social se verifique na interação de zona com renda e, em função dessas, na mobilidade dos sujeitos no espaço urbano.

3. Porto Alegre

Comparada a capitais de outros estados brasileiros, a fundação de Porto Alegre é relativamente recente. Conforme Monteiro (1995), em 1772, o governador da então província do Rio Grande do Sul mandou demarcar os lotes e as ruas de São Francisco do Porto dos Casais, um povoado portuário existente desde 1752 à beira do lago Guaíba. O povoado foi elevado a cidade apenas em 1821 pelo imperador Dom Pedro I, que, um ano mais tarde, transferiu para ali a capital da província.

Europeus (portugueses, alemães, espanhóis, italianos, entre outros), africanos (principalmente bantu de Angola), povos indígenas (Kaingangue, Guarani, Charrua) estão entre os grupos povoadores de Porto Alegre.⁹ Na virada do século XIX para o XX, pouco mais de setenta mil pessoas faziam parte da população. Hoje, cerca de um milhão e meio de pessoas ocupam 471,85 quilômetros quadrados. Segundo Rosa (2014) e Oliveira (2015), na representação que os habitantes fazem desse espaço físico, identificam-se quatro zonas (centro, sul, leste, norte; ver Figura 1), correspondentes às áreas de circulação das linhas de transporte coletivo urbano no município.¹⁰

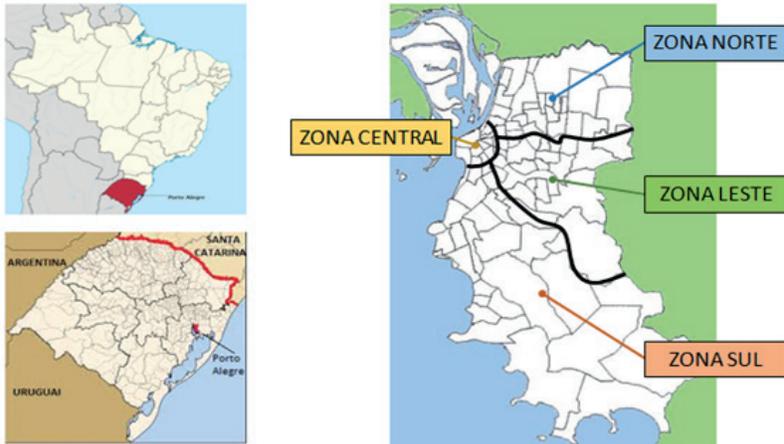


Figura 1. Localização do Rio Grande do Sul no Brasil, de Porto Alegre no Rio Grande do Sul; divisão de Porto Alegre em 4 zonas

Fonte: Battisti; Oliveira (2017, p. 1530)

9 Informações disponíveis no site da PROCENPA (disponível em: http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?regiao=1_10_0; acesso em: 13/11/2019) e no blog de Paulo Barbosa (disponível em: <https://paulobarbosa175.wordpress.com/2013/11/21/escravidao-no-rio-grande-do-sul/>; acesso em: 13/11/19).

10 Em http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cs/usu_img/regioes_atendimento_cores.jpg, há um mapa dessa divisão. Acesso em: 13/11/2019.

De acordo com Fedozzi e Soares (2015), com base em dados de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a maior parte dos porto-alegrenses (32%) tem ocupações médias (de escritório, supervisão, técnicas, da saúde e educação, de segurança pública, justiça, correios, artísticas e similares), seguidas por profissionais de nível Superior de escolaridade (19%) e por trabalhadores do comércio e prestadores de serviços especializados (16%). Outras categorias expressivas são a dos trabalhadores da indústria – operários, prestadores de serviços auxiliares, operários da construção civil (12/0%); e trabalhadores não especializados – domésticos, ambulantes (13%).

A distribuição da população no espaço físico de Porto Alegre reproduz a polaridade centro/periferia característica das grandes cidades brasileiras e latino-americanas: a área central é mais antiga, de bairros e famílias de maior renda. Na periferia, relativamente populosa, habitam as famílias de menor renda, com mais filhos, onde se concentra a população mais jovem da cidade. No extremo sul do território, há extensas áreas agrícolas. Cabette e Strohaecker (2015) explicam que, até os anos 1970, a localização residencial da população de mais baixa renda em áreas da periferia urbana de Porto Alegre atendeu tanto aos interesses do mercado imobiliário, pela valorização de terrenos e imóveis nas áreas centrais, quanto às políticas urbanas de regulação do uso do solo e de construção de novas unidades habitacionais. Desde os anos 1980, pela ação do mercado fundiário, viabilizada pelo Estado, Porto Alegre vem apresentando o que Cabette e Strohaecker (2015) denominam urbanização difusa: a criação e remodelação de novas centralidades. O desenvolvimento comercial e industrial da cidade, a abertura de avenidas perimetrais, *shopping centers* e condomínios de alto padrão vêm deslocando a população para áreas além do centro.

Esse padrão de urbanização interessa diretamente ao presente estudo porque implica a mobilidade dos sujeitos no espaço físico e, como se assume aqui, afeta a variação linguística. Os sujeitos necessitam deslocar-se de seu bairro para trabalhar, estudar, ter lazer e receber atendimento de saúde. O centro de Porto Alegre, especialmente os bairros Moinhos de Vento,

Farroupilha e Cidade Baixa, é o destino de boa parte desses movimentos urbanos. Isso se dá, conforme Cabette e Strohaecker (2015, p.496), em razão de esses bairros “serem os mais antigos da cidade, por apresentarem boa infraestrutura, com equipamentos públicos de saúde e de lazer.” Situação oposta é a do bairro Restinga, por exemplo, situado na zona sul: “... na Restinga, apenas 1,4% dos moradores são idosos ... O bairro é um dos mais distantes da Área Central de Porto Alegre. A Restinga, também deve ser lembrado, é um dos bairros que teve mais áreas destinadas para construção de habitações populares.” (CABETTE; STROHAECKER, 2015, p.496). Portanto, a depender da renda e da zona de residência dos porto-alegrenses, é possível que certos grupos realizem práticas sociais nas próprias zonas de residência, outros movimentem-se entre zonas, o que pode contribuir para fragmentar o PB falado na comunidade.

4. Metodologia

A haploglia sintática de sequências de sílabas com /t/ e /d/ subjacentes no português falado em Porto Alegre é a variável resposta da análise estatística ou quantitativa. Essa variável é examinada de forma binária: distingue-se aplicação da haploglia (*Rio Gran’do Sul*) de não aplicação da regra (*Rio Grande do Sul*) na codificação dos dados.

Analisaram-se 864 dados de haploglia da amostra de Susin (2018). Dessa, excluíram-se dados envolvendo proparoxítonas (*espírito de, sábado de*), ambiente em que Susin (2018) verificou zero aplicação de haploglia. Os contextos de haploglia foram extraídos de oitenta de entrevistas sociolinguísticas de 8 informantes do LínguaPOA, realizadas entre os anos de 2016 e 2018. Os informantes têm entre 20 e 39 anos de idade e nível superior de escolaridade, e distribuem-se equilibradamente por gênero (feminino, masculino) e zona de residência (centro, sul, leste, norte). A opção de restringir os informantes a um só grupo etário e nível de escolaridade se deve não só ao fato de as entrevistas estarem disponíveis no LínguaPOA à

época do levantamento de dados (ver nota 4), mas também à associação entre jovens e mobilidade, aqui explorada.

A análise quantitativa dos dados consistiu em análises estatísticas multivariadas de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos, com a Plataforma R (R Core Team, 2019) na interface RStudio, usando-se a função `glmer` do pacote `lme4`. Para tanto, os 864 dados da amostra de Susin (2018) foram recodificados de acordo com as variáveis predictoras de efeitos fixos listadas de (a) a (h) a seguir, baseadas nos estudos de haploglia acima revisados. Indivíduo e Palavra, esta subdividida em Palavra à esquerda e Palavra à direita, foram tomadas como variáveis aleatórias.

- (a) Sílabas: ccv (*dentro*), cv (*ponto*);
- (b) Sílabas: cv (*do*), cvc (*das*);
- (c) Tonicidade: aa ou átona-átona (*dentro de casa*), at ou átona-tônica (*a gente tem*);
- (d) Segmentos: consoantes iguais-vogais iguais (*grande demais*), consoantes iguais-vogais diferentes (*muito tempo*), consoantes diferentes-vogais iguais (*monte de*), consoantes diferentes-vogais diferentes (*dentro de*).
- (e) Zona: centro, leste, norte, sul;
- (f) Renda domiciliar (mensal do informante): a, b1, b2, c1;
- (g) Gênero: masculino, feminino;
- (h) Bairro (por renda média domiciliar mensal das famílias): b1, b2, c1;

Seguiu-se o Critério Brasil (Figura 2) para a estratificação por renda, considerando-se o declarado pelo informante (Ficha Social do LínguaPOA).

Estrato Sócio Econômico	Renda média Domiciliar
A	20.888
B1	9.254
B2	4.852
C1	2.705
C2	1.625
D-E	768
TOTAL	3.130

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de
Pesquisa – 2016 – www.abep.org – abep@abep.org

Figura 2. Critério Brasil para estratificação por renda domiciliar mensal

Fonte: ABEP11

As hipóteses testadas na análise quantitativa inspiraram-se nos resultados dos estudos revisados (seções 1.1 e 2). No controle das variáveis linguísticas de (a) a (d), testaram-se as hipóteses de que a haploglia seria favorecida em ambientes de sílaba um e sílaba dois abertas, ambas átonas, com segmentos de máxima semelhança (consoantes iguais-vogais iguais) (BATTISTI, 2005; SUSIN, 2018). No controle das variáveis extralinguísticas de (e) a (h), testaram-se as hipóteses de que as zonas sul e centro, os níveis de renda mais elevados (a, b1) favorecessem a haploglia (OLIVEIRA, 2018) e de que a variável Gênero não tivesse efeito sobre o processo (BATTISTI, 2005).

Realizaram-se inicialmente testes de qui-quadrado (de Pearson) com todas as variáveis predictoras. Incluíram-se nos modelos de regressão logística da haploglia apenas as variáveis que exibiram valor-p <0,05 no teste de qui-quadrado: Sílabas um, Sílabas dois, Tonicidade, Zona, Renda domiciliar.

11 Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil> Acesso em: 15/11/2019.

A variável social Zona correspondeu a um critério de seleção dos informantes de cujas entrevistas se levantaram os dados analisados. Já Renda domiciliar e os níveis considerados nessa variável resultaram do declarado (na Ficha Social do LínguaPOA) pelos informantes, selecionados conforme a zona de residência. Assim, devido ao fato de a amostra ser equilibrada para Zona, mas não para Renda, iniciou-se a análise incluindo-se a primeira variável no modelo, mas não a segunda.

Constatada a interação entre Zona e Renda na análise quantitativa, efetuou-se análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas dos 8 informantes, para identificar suas práticas sociais cotidianas e assim explicar tal interação, já que as práticas, conforme Bourdieu (2015 [1979/1982]) e Gal (2016), são o fundamento da construção e percepção de diferenças sociais relevantes. Verificou-se que as práticas sociais dos informantes realizavam-se sobretudo nos domínios do estudo, trabalho e lazer e que eram similares, considerando-se os relatos de todos os informantes. O que parecia diferenciá-los era o fato de necessitarem transitar ou não transitar entre zonas para realizar essas práticas. Assim, tomando-se como fundamento a ideia de Blommaert (2016), de que a mobilidade diária dos sujeitos no espaço urbano transforma traços (linguísticos e extralinguísticos) adquiridos nas práticas em diferenças socialmente relevantes, criou-se um Índice de Mobilidade (Quadro 2), que associa dimensões de práticas sociais e graus de mobilidade.

Quadro 2. Índice de Mobilidade

0	quatro dimensões na mesma zona
1	pelo menos uma dimensão em outra zona além da residencial
2	duas dimensões em outra zona além da residencial

O Índice de Mobilidade considera três dimensões de práticas sociais: do trabalho, do estudo, do lazer. Conforme o relatado pelos

informantes nas entrevistas sociolinguísticas, as práticas implicam três categorias de mobilidade: realizam-se, todas, na zona em que se reside, o que não implica mobilidade (categoria 0); ao menos uma dimensão de práticas se realiza em outra zona que não a residencial (categoria 1 de mobilidade), ou duas dimensões de práticas se realizam além da residencial (categoria 2 de mobilidade).¹²

O Índice de Mobilidade foi convertido em variável previsora e integrado à análise quantitativa de regressão logística, como variável de efeito fixo.

5. Resultados

Verificou-se uma proporção total de haploglogia de 27,2%, índice levemente superior ao constatado por Battisti (2005). O primeiro modelo de efeitos mistos (tabela 1), com as variáveis Zona, Sílabas um, Sílabas dois e Tonicidade, mostra que a haploglogia se correlaciona à Sílabas dois. Tendo a sílaba cv como valor de referência, a análise mostra que o processo é desfavorecido pela sílaba cvc (*logodds* -0,675).

12 A variável Mobilidade apenas recentemente tem sido analisada em estudos sociolinguísticos do PB. Oushiro (2015), por exemplo, define-a de acordo com os locais de residência ao longo da vida dos participantes paulistanos: sempre no mesmo bairro; mudou-se para outro bairro da mesma zona; ou mudou-se para outra zona. Correa (2019) e Ribeiro (2019), em sua amostra da fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, analisam Mobilidade em termos de seu local de origem (região metropolitana de Aracaju, interior do estado ou outros estados) - variável que chamam de “Deslocamento”- e quanto ao meio de transporte utilizado para ir à faculdade (a pé, carro próprio, ônibus, transporte escolar).

Tabela 1. Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haploglota com Zona, sem Renda ($n = 864$, Intercepto = $-1,1072$)

	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	P
Zona					
centro (valor de ref.)	65/264 (25%)				
leste	25/163 (15%)	-1,022	0,679	-1,505	0,13
norte	39/200 (19%)	-0,779	0,665	-1,172	0,24
sul	106/247 (43%)	1,026	0,644	1,594	0,11
Sílaba um					
cvv (valor de ref.)	20/43				
cv	(46%)	-0,335	0,594	-0,564	0,57
	215/821 (26%)				
Sílaba dois					
cv (valor de ref.)	209/728				
cvc	(29%)	-0,675	0,322	-2,099	0,04 *
Tonicidade					
	26/136				
	(19%)				
aa (valor de ref.)					
	183/617 (30%)				
at	52/247 (21%)	-0,271	0,267	-1,017	0,31

Modelo 1. HAPLOGLOIA ~ ZONA + SILABAUM + SILABADOIS + TONICIDADE + (1|PALAVDIR) + (1|PALAVESQ) + (1|INDIVIDUO)

A correlação esperada da haploglota com Zona (cf. SUSIN, 2018) não se verificou, por isso a variável Renda domiciliar foi acrescentada ao segundo modelo de efeitos mistos (tabela 2). Nesse modelo, duas variáveis sociais têm efeito sobre a haploglota: Zona e Renda domiciliar do informante. Tendo-se o fator centro como valor de referência, a análise mostra que os residentes nas zonas norte e sul favorecem o processo. Já na variável Renda, com o fator 'a' como valor de referência, os falantes das classes b2 e c1 desfavorecem a aplicação da regra, não havendo diferença significativa entre os falantes das classes a e b1. Dentre as variáveis linguísticas, como já verificado na

tabela 1, apenas a variável Sílabas dois correlaciona-se à haploglia, com cvc desfavorecendo o processo.

Tabela 2. Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haploglia com Zona e Renda ($n = 864$, Intercepto = -1.08794)

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
Zona					
centro (valor de ref.)	65/264 (25%)				
neste	25/163 (15%)	-0,094	0,489	-0,191	0,85
norte	39/200 (19%)	2,135	0,901	2,370	0,02 *
ul	106/247 (43%)	1,007	0,358	2,811	0,01 **
Renda domiciliar					
a (valor de ref.)	110/347 (31%)				
b1	83/251 (33%)	-0,025	0,352	-0,071	0,94
b2	6/70 (8%)	-3,680	1,000	-3,681	<0,001***
c1	36/196 (18%)	-2,281	0,772	-2,975	0,003 **
Sílabas um					
ccv (valor de ref.)	20/43 (46%)				
cv	215/821 (26%)	-0,344	0,632	-0,545	0,59
Sílabas dois					
cv (valor de ref.)	209/728 (29%)				
cvc	26/136 (19%)	-0,654	0,326	-2,006	0,04 *
Tonicidade					
aa (valor de ref.)	183/617 (30%)				
at	52/247 (21%)	-0,298	0,274	-1,087	0,28

Modelo 2. HAPLOGLIA ~ ZONA + RENDA.DOMIC + SILABAUM + SILABADOIS + TONICIDADE + (1|PALAVDIR) + (1|PALAVESQ) + (1|INDIVIDUO)

O modelo com Zona e Renda (tabela 2) faz supor que as duas variáveis interajam, uma vez que só nesse modelo verifica-se correlação significativa com Zona. No entanto, como a variável Renda não estratifica essa amostra, não há, para esse conjunto de falantes, todas as combinações possíveis entre Zona e Renda, de modo que a inclusão da interação em um modelo multivariado não seria viável. Assim, optou-se por não incluir ambas as variáveis em um mesmo modelo. Os resultados da análise com Renda domiciliar, sem Zona estão na tabela 3.

Tabela 3. Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haploglota sem Zona, com Renda ($n = 864$, Intercepto = $-0,7141$)

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
Renda domiciliar					
a (valor de ref.)	110/347 (31%)				
b1	83/251 (33%)	0,153	0,645	0,237	0,81
b2	6/70 (8%)	-1,896	0,902	-2,103	0,04 *
c1	36/196 (18%)	-1,393	0,684	-2,035	0,04 *
Sílabas um					
ccv (valor de ref.)	20/43 (46%)				
cv	215/821 (26%)	-0,379	0,684	-0,615	0,54
Sílabas dois					
cv (valor de ref.)	209/728 (29%)				
cvc	26/136 (19%)	-0,667	0,320	-2,084	0,04 *
Tonicidade					
aa (valor de ref.)	183/617 (30%)				
at	52/247 (21%)	-0,266	0,267	-0,994	0,32

Modelo 4. HAPLOGLOTTA ~ RENDA.DOMIC + SILABAUM + SILABADOIS + TONICIDADE + (1|PALAVDIR) + (1|PALAVESQ) + (1|INDIVIDUO)

Nesse modelo (tabela 3), a variável social Renda domiciliar e a linguística Sílabas dois têm efeito sobre a haploglia. Com o fator ‘a’ como valor de referência, os fatores b2 e c1 da variável Renda desfavorecem a aplicação da regra, repetindo o padrão já verificado no modelo com Zona e Renda (tabela 2). Já o fator cvc da variável Sílabas dois desfavorece a haploglia, tendo o fator cv como valor de referência, o que repete o verificado nos outros dois modelos (tabela 1 e tabela 2).

Os resultados permitem concluir que, em termos linguísticos, a haploglia seja dirigida pela qualidade da Sílabas dois e se correlacione a Renda domiciliar do informante: tende a não ocorrer se a palavra à esquerda iniciar por sílaba cvc (de dentro) e é favorecida por jovens cujas famílias tenham rendas médias mensais superiores.

A relação entre haploglia e renda domiciliar possivelmente se explique pelas práticas sociais que os jovens de famílias mais abastadas conseguem realizar. A análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas de que se levantaram os contextos de haploglia revelou que, em termos de ‘gostos’, entendidos conforme Bourdieu (2015 [1979/1982]), como expressão de práticas sociais de classe, os informantes favorecedores da haploglia se movimentam no território da cidade e não realizam atividades de lazer em sua zona, o que implica dispor de recursos financeiros e materiais para tanto. Deslocam-se no espaço físico urbano e convergem para o centro nas práticas de lazer, ações que, como a própria haploglia, ganham unidade em certas práticas estilísticas, como já constatado por Oliveira (2018). O excerto a seguir, da entrevista sociolinguística de um jovem residente na zona sul de Porto Alegre, exemplifica afirmações sobre o cotidiano, sobre a necessidade de deslocar-se no espaço urbano para realização de práticas sociais de trabalho e de lazer:

...mesmo que falem que é violento [bairro Restinga, zona sul], tipo, eu me sinto seguro andando por lá, diferente do centro, não tem restrição, assim, de anda(r) em nenhum lugar também, mesmo os cara/ eh, eu gosto. [...] Ah, se fosse pra vive(r), só pelo centro, porque a Restinga, né, mais

questão de estrutura, trabalho, de locomoção, né, porque a Restinga, eu gosto da Restinga, mas é longe de tudo [...] saio pra beber com os cara da faculdade [na Cidade Baixa]: ali na Restinga não tem muitos lugares legais ((risos)) (Inf.129 LínguaPOA)

A sugestão advinda da análise de conteúdo foi a de que não são as práticas sociais propriamente ditas o que explica a tendência de alguns sujeitos de promover haploglia, mas o fato de terem de realizar as práticas fora de sua zona de residência. Afinal, tanto o jovem morador do centro quanto o da zona sul frequentam o centro para estudar e ter lazer. A diferença está no fato de o primeiro não necessitar movimentar-se na cidade para realizar essas práticas. Já o segundo necessita movimentar-se, o que pode levá-lo a incrementar o emprego de variáveis linguísticas como a haploglia ao navegar em redes sociais mais amplas, como prevê Eckert (2000).

Com o Índice de Mobilidade, conforme descrito na Metodologia (Quadrol), codificaram-se os dados de haploglia de cada informante nas categorias previstas no Índice e realizou-se a distribuição de dados de haploglia por Mobilidade (Figura 3).

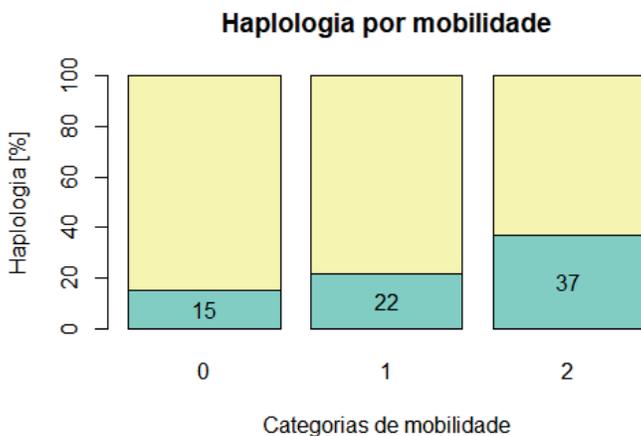


Figura 3. Distribuição de haploglia por mobilidade

Com a distribuição (Figura 3), viu-se que, quanto maior a mobilidade do falante, maior é a proporção de haplogogia. O passo seguinte foi incluir Mobilidade na análise multivariada de efeitos mistos, para verificar se a associação entre mobilidade e haplogogia se manteria na análise com as demais variáveis linguísticas e sociais do modelo (tabela 4).

O modelo com Mobilidade (tabela 4) confirma a correlação dessa variável com haplogogia: o maior grau de mobilidade (categoria 2) favorece o processo. Mantém-se a correlação de Sílabas dois e de Renda verificada nos outros modelos (tabela 2 e tabela 3).

O resultado de Sílabas dois está de acordo com uma restrição já afirmada antes (BATTISTI2004), a de identidade máxima entre segmentos no ambiente da haplogogia. Ocorrências da amostra como, por exemplo, *gente tonta*, mostram que uma sílaba fechada por nasal, além de possuir estrutura silábica diferente da sílaba um, que é cv, apresenta vogal nasalizada, o que aumenta a dessemelhança entre os segmentos no ambiente de aplicação processo.

Os resultados de Renda e Mobilidade na haplogogia conformam-se ao que Bourdieu (2012 [1993]) chama de ‘efeitos do lugar’: o espaço social é retraduzido no espaço físico. Dispor de mais capital econômico viabiliza, em cidades brasileiras como Porto Alegre, habitar zonas com bairros nobres ou tradicionais, em geral centrais, a que se deslocam os sujeitos para realizar práticas de trabalho, estudo, lazer, para obter atendimento de saúde e ter acesso a serviços públicos. A distribuição diferenciada dos sujeitos no espaço físico da cidade, conforme sua posição no espaço social, implica, assim, àqueles que necessitam deslocar-se, negociar identidades individuais em cenários não locais.

Tabela 4. Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) de haploglia com Mobilidade
($n = 864$, Intercepto = $-1,6440$)

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
Mobilidade					
0 (valor de ref.)	25/163 (15%)				
1	71/324 (22%)	0,355	0,477	0,743	0,46
2	139/377 (37%)	1,471	0,431	3,416	<0,001 ***
Renda domiciliar					
a (valor de ref.)	110/347 (31%)				
b1	83/251 (33%)	-0,212	0,393	-0,539	0,59
b2	6/70 (8%)	-1,853	0,628	-2,951	0,003 ***
c1	36/196 (18%)	-1,429	0,449	-3,185	0,001 **
Sílaba um					
ccv (valor de ref.)	20/43 (46%)				
cv	215/821 (26%)	-0,312	0,640	-0,487	0,63
Sílaba dois					
cv (valor de ref.)	209/728 (29%)				
cvc	26/136 (19%)	-0,657	0,328	-2,005	0,04 *
Tonicidade					
aa (valor de ref.)	183/617 (30%)				
at	52/247 (21%)	-0,280	0,276	-1,016	0,31

Modelo 17. HAPLOGLIA ~ MOBILIDADE + RENDA.DOMIC + SILABAUM + SILABADOIS2 + TONICIDADE + (1 | PALAVDIR) + (1 | PALAVESQ) + (1 | INDIVIDUO)

A negociação de identidades é necessária porque a mobilidade no espaço urbano promove o contato de sujeitos pertencentes a grupos cujas normas de uso da linguagem podem ser relativamente distintas. Variáveis linguísticas podem ser mobilizadas nessa negociação, com o que se compõem *personae*. As variáveis locais, estereotipadas em contexto não local, tendem a ser evitadas, variáveis prestigiadas, a ser adotadas. Variáveis estáveis como a haploglia, abaixo do nível da consciência social, não são candidatas à

mobilização estilística consciente, mas podem ser indiretamente afetadas nessa negociação, uma vez que integram o conjunto maior de formas empregadas na fala e, assim, podem apresentar algum incremento ou redução nas proporções de uso. É o que nos parece ser o caso em relação à haploglia.

Os sujeitos cujos dados de fala foram aqui analisados pertencem ao grupo etário 20-39 anos, tomado como jovem. Dos oito informantes, apenas um não reside na casa dos pais ou familiares. Todos têm em comum o fato de estar estudando, ou estar ingressando no mercado profissional. Para tanto, movimentam-se no espaço físico de Porto Alegre em diferentes graus. Enquadram-se no que Eckert (2000) denominou ‘navegadores de redes amplas’: têm conexões dentro e além de *clusters* sociais. Posicionam-se na borda dos *clusters*. São usuários extremos de variáveis linguísticas por negociarem suas identidades em espaços semilocais, áreas geográficas imediatas que fornecem um contexto concreto para o local (cf. ECKERT, 2000, p.222).

Esse padrão pode explicar a proporção total de haploglia, de 27,2%, aqui verificada, em contraste com o índice (21%) anteriormente obtido (BATTISTI, 2005). Muito provavelmente, a haploglia não progrediu em Porto Alegre. O aumento no índice corresponde a um incremento no uso da variável implicado pela mobilidade dos jovens no espaço físico e social de Porto Alegre e pela necessária negociação de *personae* nos contatos interpessoais.

Conclusão

A análise quantitativa realizada forneceu respostas às questões sobre diferenciação na aplicação da haploglia por zona e classe social no PB de Porto Alegre.

Os dados examinados foram de sujeitos de 20 a 39 anos de idade, tomados como jovens no estudo empreendido. Os modelos de haploglia variável obtidos não deram suporte às hipóteses relativas às variáveis linguísticas, de que a haploglia seria favorecida em ambientes com ambas

as sílabas átonas e segmentos de máxima semelhança. Observou-se apenas o papel favorecedor de sílaba dois aberta. Essa diferença de resultado em comparação à literatura precedente possivelmente se deve à inclusão das variáveis aleatórias Palavra à Direita e Palavra à Esquerda, uma vez que a atuação idiossincrática de itens lexicais específicos pode ter maior preponderância no processo do que a tonicidade e a semelhança de traços em si. Outra explicação possível são diferentes definições do envelope de variação e, conseqüentemente, o conjunto de dados analisados.

A presente análise, contudo, voltou-se ao papel das variáveis sociais. As hipóteses testadas no controle das variáveis extralinguísticas Renda e Gênero mostraram que níveis de renda mais elevados favorecem a haploglia e que Gênero não tem efeito sobre o processo.

No que se refere à variável Zona, a análise mostra que não são as áreas geográficas em si, mas a mobilidade entre zonas o que se correlaciona independentemente à haploglia nos dados examinados. A mobilidade é viabilizada por maiores níveis de renda, o que, por seu turno, informa sobre práticas de classe no espaço social de Porto Alegre. O Índice de Mobilidade, aqui elaborado, mostrou-se recurso válido na testagem da hipótese da pesquisa, tendo-se verificado a correlação entre o maior grau de mobilidade dos jovens e a maior proporção de haploglia. Com isso, reforça-se também o alinhamento, verificado por Labov (1990), entre uma variável estável e classe social, mesmo sendo a haploglia uma variável que está abaixo da consciência social.

Especialmente entre os jovens, a mobilidade nas grandes cidades requer capital econômico e fornece capital simbólico. É uma maneira de agir na vida cotidiana, de acordo com certas classes sociais ou estilos de vida. Parece ser característica de uma *persona* jovem, urbana e cosmopolita que a haploglia ajuda a compor quando usada junto a outros recursos (linguísticos e não-linguísticos) de identificação e distinção social. O estudo da haploglia em Porto Alegre, aqui realizado, corrobora esse padrão e sugere que os recursos linguísticos são afetados pelas múltiplas oportunidades comunicativas que a mobilidade nos grandes centros urbanos proporciona.

Desdobramentos do estudo podem ser a ampliação da análise, com dados de mais informantes, de diferentes faixas etárias, ou a testagem do Índice de Mobilidade em análises quantitativas que contemplem, em alguma medida, o exame de práticas sociais e culturas locais. São possibilidades de investigação sociolinguística que poderão completar a análise aqui feita e subsidiar estudos de estilo e significados sociais das variáveis, em contextos complexos como as grandes cidades.

Referências

ALKMIM, Mônica G.R.; GOMES, Christina A. G. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. **Cadernos de linguística e teoria da literatura**, Belo Horizonte, n.7, p.43-70, 1982.

BATTISTI, Elisa. Haploglia sintática e efeitos de economia. *Organon* v. 18, n. 36, p. 31-39, 2004.

_____. Haploglia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n.141, p. 73-88, 2005.

_____. Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): Ditongação ou *ingliding*? *Fragmentum*, Santa Maria, n. 39, p. 60-78, 2013.

_____; OLIVEIRA, Samuel G. de. Classe social e significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português de Porto Alegre (RS). In: MENDES, Luciana S.; SILVA, Nadja P. de S.; SILVA, Silmara C. D. da. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*. Niterói-RJ: Letras da UFF, 2017. p. 1527-1536.

_____; MORAS, Viviane T.; OLIVEIRA, Samuel G. de; CORREA, Raquel C.; DUARTE, Igor. LínguaPOA, acervo de entrevistas sociolinguísticas em constituição: Desenho da amostra e resultados dos primeiros estudos. *Seminários de Teoria e Análise Linguística UFRGS*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. [Comunicação oral].

BISOL, Leda; MENON, Odete; TASCA, Maria. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Claudia (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

_____. ; MONARETTO, Valéria N. de O. Prefácio: VARSUL e suas origens, uma história sumariada. **ReVEL**, Edição especial, n. 13, p. 6-11, 2016.

BLOMMAERT, Jan. From mobility to complexity in sociolinguistic theory and method. In: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 242-259.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A miséria do mundo**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2012 [1993]. p.159-166.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed. Porto Alegre: Zouk, 2015 [1979/1982].

CABETTE, Amanda; STROHAECKER, Tânia M. A dinâmica demográfica e a produção do espaço urbano em Porto Alegre, Brasil. **Cadernos MetrÓpole**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 481-501, 2015.

CAMARA JR., Joaquim M. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CORREA, Thais R. A. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2019.

CUNHA, Victória G. da. **Estudo-piloto da percepção e avaliação da elevação sem motivação aparente por porto-alegrenses**. Apresentado no XXX SIC UFRGS, 2018, Porto Alegre.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

_____. **Meaning and linguistic variation: the third wave in sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

FEDOZZI, Luciano J.; SOARES, Paulo R. R. (Orgs.). **Porto Alegre: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015.

GAL, Susan. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.

GOLDSMITH, John A. **Autosegmental & Metrical Phonology**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1990.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana (Orgs.). **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HAINECK, Débora. **Análise do fenômeno fonológico da haploglia no português falado em Lages/SC**. 2016. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

HELLER, Monica et al. **Sustaining the nation: the making and moving of language and nation**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, 2, p. 205-254, 1990.

_____. **Principles of linguistic change**, Volume 1: internal factors. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change**, Volume 2: social factors. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

_____. **Principles of linguistic change**, Volume 3: cognitive and cultural factors. Malden/Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LEAL, Eneida de G. **Teoria fonológica e variação**: a queda de sílaba em Capivari e em Campinas. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

McCARTHY, John; PRINCE, Alan. **Prosodic morphology I** - constraint interaction and satisfaction. Manuscrito. Amherst/New Brunswick: Universidade de Massachusetts e Universidade de Rutgers, 1993.

_____. Faithfulness and reduplicative identity. In: BECKMAN, J.N et al. (Eds.). **Papers in Optimality Theory** – UMass Occasional Papers 18. Amherst, Massachusetts: GLSA, 1995. p. 249-384.

MENDES, Regina M. G. **A haploglia no português de Belo Horizonte**. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

MOHANAN, Karuvannur P. Fields of attraction in phonology. In: GOLDSMITH, John A. (Ed.) **The last phonological rule**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993. p. 61-116.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre**: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

OLIVEIRA, Alan J. de. **“Comendo o final das palavras”**: análise variacionista da haploglia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, Samuel G. de. O estereótipo do falar porto-alegrense: percepções e atitudes sobre o falar com *ingliding* e alongamento vocálico. **An@is Fórum FAPA: XIV Fórum FAPA. Edição V**. Porto Alegre, p. 358-374, 2015.

_____. **Ingliding de vogais tônicas como prática estilística no falar porto-alegrense**: significados sociais da variação linguística. 2018. 230 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAZ, Flávia H. da S. **Haploglia no falar paraense**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. **Optimality theory**: constraint interaction in generative grammar. Manuscrito. NewBrunswick/Boulder: Universidade de Rutgers e Universidade do Colorado, 1993.

R Core Team. **R**: a language and environment for statistical computing. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2019. Disponível em <https://www.R-project.org>. Acesso em: 15/11/2019.

RIBEIRO, Cristiane C. de S. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico**: a variação entre as preposições *em ~ ni* na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe. 2019. 79 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2019.

ROCKENBACH, Livia. **O apagamento variável da vibrante em posição de coda no português falado em Porto Alegre**: piloto de um teste de percepção e avaliação linguística. Apresentado no XXX SIC UFRGS, 2018, Porto Alegre.

ROSA, Renan S. **A comunidade de fala de Porto Alegre no estudo da variação linguística**: identificando subcomunidades. 2014. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVEIRA, Álvaro F. de S. da. **Fonética sintática**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SIMIONI, Taíse; AMARAL, Fabiana U. A haploglia e o princípio do contorno obrigatório. **Revista do GELNE**, v.13, n.1/2, p.53-67, 2011.

SUSIN, Bruna S. **Falan'de Porto Alegre**: a haploglia sintática variável no português da capital gaúcha. Apresentado no XXX Salão de Iniciação científica da UFRGS, 2018.

TENANI, Luciani. E. **Domínios prosódicos no português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

TRASK, Robert L. **Historical linguistics**. London: Arnold, 1996.

YIP, Moira. The Obligatory Contour Principle and phonological rules: a loss of identity. **Linguistic Inquiry**, n.19, p. 65-100, 1988.